





# Um ladrão é considerado um pouco mais perigoso que um artista ou porque fazer uma revista literária.

por Priscila Miraz

Andava pelas ruas movimentadíssimas da Cidade do México engolindo pelos olhos tudo o que podia e muito do que não me cabia. A data marcada pra voltar dava fome e ânsia ao mesmo tempo. Cinco meses são instantes no espaço agigantado da cidade. Parecia impossível estruturar qualquer cotidiano ali, onde tudo chama atenção, onde tudo te atrasa, te puxa pro que você ainda não viu e está ali na sua frente, sabido de relance. E, no entanto, era justamente isso o que fazia enquanto pensava sobre a cidade que estava minha por cinco meses, balançando nos “peseros”, indo e vindo da escola do meu filho, nos metrô, “metrobus”, taxis. Entrando e saindo de bibliotecas, universidades, congressos, casas de amigos velhos e novos, livrarias, restaurantes, cafés, mercados. Das pequenas barraquinhas de flores nas calçadas. Os olhos explodindo diante de milhões de vidas acontecendo junto da minha e eu sem conseguir dizer nada, esperando que talvez na volta, dentro da casa de sofás amarelos, eu pudesse organizar tudo. Esse tudo indefinível. De todas as andanças sempre trazia coisas que acreditava, iriam me ajudar a ver, a entender (o que?). Depois de voltar de uma viagem a Puebla, tirei um jornal de uma sacola de compras deixada na semana anterior sobre a mesa da sala. Na verdade não me apercebi de sua capa, que depois voltei e olhei: uma árvore queima no deserto, bem em frente uma piscina cheia de água cristalina que parece ferver. Azul, laranja, vermelho, ocre, cinza, preto. Dentro, uma enorme página vermelha, um artigo sobre Rubem Fonseca começava: “un ladrón es considerado un poco más peligroso que un artista”. Procurei esse jornal porque em Puebla fui ver uma exposição de fotografias e conheci o fotógrafo que expunha, Pedro Zamacona, que se apresentou como editor de fotografia de uma revista cultural, Yaconic. Quando me deu dois exemplares, um deles me pareceu familiar. Porque uma das belezas da viagem é olhar outra vez o familiar. Volto ao editorial do número cinco: “Muerte-Renacimiento del arte”: sobre a importância de refletir sobre o acontecer humano; sobre necessidade da morte do artista como ente totalitário a quem o mercado diz o que fazer através de discursos teóricos estéreis; sobre a experiência como arte; sobre a vida como experiência/arte. Acho que por um pouco de tudo isso, quando soube que a CIRCUS pretendia começar uma publicação cultural, me lembrei do Pedro e propus uma pequena entrevista sobre o trabalho dele na Yaconic. Sobre isso que chamamos arte e artista. Sobre sua pertinência. Conversamos e o que se apresenta aqui são alguns poucos ponteiros sobre o fazer ver/conhecer expressões artísticas variadas, dispersas nesse lugar sem limites, de realidade pujante e complexa, que de muitas formas tentamos entender.

entrevista por Priscila Miraz

# PEDRO ZAMACONA GONZÁLEZ



(Ciudad de México, 1985):

Estudou fotografia no Centro de Especializaciones Fotográficas. Especializou-se em diversos ramos como fotografia de moda, editorial, jornalística, documental e cinematográfica. Estudou cinema na Arte 7, formação cinematográfica no Centro de Capacitación Cinematográfica (CCC) e comunicação na Facultad de Estudios Superiores Acatlán (UNAM). Trabalhou como fotógrafo para a Universidad Autónoma de Baja California, Centro Universitario Haller, Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), DEinternational de México, a Cámara Mexicano-Alemana de Comercio e Industria (CAMEXA), Sabotage Magazine, para as marcas Red Bull, Nike, Vans y Monster. Participou das exposições coletivas: Experiencia de Trabajo de Campo ENAH, Rock 18-55mm, MujerArte, Movimiento Estudiantil del 71, Reciclarte e Madres Indígenas. Foi seleccionado no 2º Festival Universitario de Fotografía (Fotofestín) como expositor con a serie "Visións Intrínsecas" e na Primera Bienal de Fotografía Hector Garcia com o trabalho intitulado "Conciencia de lo justo". Em 2013 participou do VII Encuentro Iberoamericano de Estudiantes de Historia realizado na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla com a exposição individual "Una razón, un solo grito". Atualmente vive na Ciudad de México e trabalha como fotógrafo na agência internacional Latinstock e como editor de fotografia da revista cultural Yaconic.

**Priscila Miraz:** Pedro, você participa como editor de fotografia de uma revista cultural mensal e de distribuição gratuita na Cidade do México, chamada Yaconic, certo? Como surgiu a ideia da revista?

Pedro Zamacona: Sim, nesse momento trabalho como editor de foto na Yaconic. A ideia surgiu em conjunto com quatro amigos (Daniel Geyne, Pablo Anduaga, Abia Castillo y Adán Ramirez) com os quais já havia trabalhado anteriormente em uma revista sobre música e também em alguns projetos independentes. A ideia era criar um meio onde pudéssemos apresentar diversos temas que nos interessava individualmente, mas que também eram de interesse comum aos cinco e para as pessoas que entrassem em contato com esse conteúdo. Depois de deixar a revista de música, iniciamos uma página chamada AK-47, que tinha um viés político-cultural. Yaconic surgiu quando conseguimos um patrocínio para uma revista impressa e, a partir daí decidimos que a publicação seguiria uma linha cultural, sem chegar ao aborrecimento, mostrando qualquer manifestação artística (conhecida ou que estivesse surgindo) que tivesse um forte impacto para nós e para as pessoas. Foi assim que pensamos em fazer uma revista de arte e cultura mais simpática ao leitor no que se refere à diagramação, imagem e conteúdo.

**P.M.:** Como são selecionadas as matérias para Yaconic?

P.Z.: Todo material que entra para Yaconic é recomendação tanto da equipe editorial quanto de colaboradores ou gente de fora que nos manda propostas. Sempre procuramos algo de impacto, que atraia e que faça com que as pessoas queiram saber mais sobre o tema. Em nosso número impresso sempre tentamos apresentar um balanço sobre os temas a serem tratados, que tenha ressonância com as imagens; texto, proposta, etc. Em nosso endereço na web temos seções que nos permitem ampliar um pouco mais as propostas que queremos recomendar. Nessa dinâmica de seleção, todos participamos e damos nossa opinião para poder assim estar de acordo com o que apresentamos em Yaconic.



**P.M.:** E quais são as maiores dificuldades para a realização da revista?

P.Z.: Contatar os artistas e coordenar tudo para que possa sair a tempo; ter a qualidade de impressão com a qual estamos trabalhando requer muito trabalho e cuidado, já que Yaconic tem como base a imagem e o desenho, além de posicionar a revista como sendo uma publicação com uma nova proposta.



**P.M.: Existe uma intenção definida com relação ao que querem quando fazem a revista? Como essa intenção está presente em Yaconic?**

P.Z.: A intenção clara de Yaconic é “compartilhar”. Isso pra gente significa dar a conhecer sem a intenção de emitir um juízo sobre se é bom ou ruim. Pensamos que em todos os lados existem excelentes formas de manifestação artística, e que muitas vezes nem tudo é difundido. É por isso que consideramos Yaconic como uma plataforma para essas expressões artísticas. Como exemplo posso dizer que nas páginas de Yaconic temos tido artigos de gente reconhecida internacionalmente como: Gao Brothers, Laurent Chehere, Fabiana Rodriguez, Antibalas, Daniela Edburg, Bocaflaja, Trino Maldonado, Pedro Juan Gutierrez, SegoyOvbal; mas também publicamos gente que ainda não é muito conhecida mas está no meio cultural e tem muita qualidade, como: as fotógrafas Georgina Avila, Lizette Abraham, que saiu em nossa capa número 8. Outra intenção muito clara é criar algum tipo de consciência nas pessoas que nos leem, já que todos os artistas que resenhamos tem uma mensagem profunda em suas obras. Isso também conseguimos nos aproximando diretamente do artista, seja por meios eletrônicos ou pessoalmente, para criar uma triangulação Yaconic-leitor-artista. Acreditamos que todas as pessoas tem algo a dizer.





**P.M.: Como você entende a fotografia?**

P.Z.: Como uma forma mais de poder me expressar, muito mutável, subjetiva, ciumenta e polêmica. Você nunca deixa de aprender em fotografia, seja teoria, novas tendências, novos equipamentos para realizá-la, etc. Torna-se um estilo de vida.

**P.M.: O que é a arte?**

P.Z.: A arte para mim é uma representação cultural da humanidade considerando sua sociedade, sua cultura, contexto social e político. É uma ferramenta para comunicar "algo".



**P.M.: Para você pessoalmente, como fotógrafo e editor de fotografia, o que é o melhor e pior de fazer a revista?**

P.Z.: O melhor de estar em uma revista como Yaconic é conhecer novos artistas a cada dia. Isso é a base de estar buscando projetos, de seguir a recomendação das pessoas. E contar com um meio que você viu se posicionar pouco a pouco, e que agrada muita gente é uma satisfação muito grande. A única desvantagem (como todo projeto inicial) é que o tempo que te sobra para realizar projetos pessoais é muito pouco. Mas isso é passageiro, desde que faça o que goste, não tem porque reclamar. Estar na Yaconic me proporcionou diversas experiências e a oportunidade de crescer como fotógrafo. Realmente me considero muito afortunado por ser integrante dessa grande equipe, mais ainda trabalhando com fotografia.

